

## **‘Memórias descritivas e militares de huma parte da fronteira do Alemtejo’. Reconstituição cartográfica de uma rede viária do início do séc. XIX**

**José Ramiro Pimenta**

Departamento de Geografia.  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto.  
Via Panorâmica, s/n, Porto.  
Email: jpimenta@letras.up.pt.

### **O AUTOR E O TEXTO DAS «MEMÓRIAS...»**

O trabalho que a seguir se apresenta consiste numa tentativa de reconstrução cartográfica da rede viária que organizava o espaço de alguns concelhos da comarca de Portalegre no início do séc. XIX.

A informação que nos permitiu levar a cabo esta intenção encontra-se sistematizada nas «Memórias descritivas e militares do terreno de huma parte da Fronteira do Alemtejo», cap. V do vol. II dos *Manuscritos do Arquivo Histórico de Vincennes – Referentes a Portugal (1803-1806)*, corpo documental reunido e comentado por A. Pedro Vicente e publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português, col. Memórias e Documentos para a História Luso-Francesa – XI.<sup>1</sup>

É autor destas «Memórias...» José Maria das Neves Costa, «Official que foi do Real Corpo de Engenheiros, Ex-Ajudante d’Ordens, actualmente Capitão de Infantaria agregado à Primeira Plana da Corte, e empregado na 1.<sup>a</sup> Divisão do Estado Maior da Inspeção das Fronteiras», sendo aquelas «formadas No anno de 1804 em consequência do Reconhecimento Militar feito no anno precedente, segundo as instruções do Exmo snr. tenente gen.al e inspector geral das fronteiras Marquês de La Rosiere.»<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Os volumes I (1799-1802) e III (1807-1811) estão publicados na mesma colecção, respectivamente com o n.º IX (1971) e com o n.º XIV (1983).

<sup>2</sup> «Memórias...», p. 53. Devido ao recurso constante a passagens deste texto, far-se-á apenas referência ao número da página em que se encontram.

Parece haver, por parte do autor, uma consistência metodológica indesmentível que se revela quer no carácter sistemático que estrutura a informação contida no texto quer na forma explícita como assume a selecção dos aspectos considerados primordiais para o objectivo a que se propõe.

De entre os elementos de informação contidos no texto da fonte, alguns existem que, pela sua própria natureza, revelam uma perenidade que ultrapassa a pouca espessura deste corte sincrónico: relevo, cursos de água, caminhos, etc. Outros são apenas instantâneos de uma realidade em constante mutação e que, por isso, só poderiam adquirir um pleno sentido se incluídos em série cronológicas que permitissem a apreensão da sua evolução.

Sendo este trabalho fortemente apoiado na materialidade da fonte e na descodificação a que ela se permita, não envolvendo, por agora, um enquadramento histórico e teórico em que revele outros conteúdos, mas tão só lendo nos mapas de hoje as referências que outrora fizeram a este espaço, será mais directamente utilizada a informação respeitante aos atributos 'físicos' que estruturam as condições de acessibilidade ou isolamento da população desta parte da fronteira do Alentejo no início do séc. XIX.

A clareza de exposição é de tal modo evidente que não resistimos a citar a «Advertência» com que o autor abre o texto das «Memórias...»<sup>3</sup> e em que apresenta uma estruturação de um índice minucioso de todo o trabalho. Desde logo se adivinha um espírito metódico e consistente que conforma o texto até final:

A parte da fronteira da Provincia do Alentejo, que se descreve nestas Memórias, comprehende os termos e vilas de Montalvão, Povoá, Alpalhão, Castelo de Vide, Marvão, Alegrete, e a cidade de Portalegre.<sup>4</sup>

Na primeira Memoria, se descrevem, se faz menção dos artigos que podem interessar as operaçoens de guerra no que pertencem ao civil, militar e economico de cada huma daquelas povoaçãoens. Por consequencia, se dá ella noticia, da Comarca a que pertencem, da graduacão dos seus Magistrados, do numero das Freguezias, e Fogos que as compoem; da qualidade dos Edificios, ruas e entradas; dos Hospitais; dos moinhos, fornos e cavalheriças; do numero dos seus artífices que mais vulgarmente podem ser precisos para os trabalhos de guerra &. Daquellas que são ou forão Praças de guerra se descreve a sua situação; a natureza e estado das suas fortificaçãoens, e os seus principais e ventagens; os seus almazens, quartéis &, finalmente, denota-se a natureza do clima, a qualidade e quantidade das fontes, poços e cisternas; a natureza do Terreno dos seus Termos

---

<sup>3</sup> Vd. p. 53 e 54.

<sup>4</sup> Poucos anos mais tarde, a reforma administrativa de Mousinho da Silveira haveria de deixar como titulares municipais apenas as vilas de Marvão e Castelo de Vide assim como a cidade de Portalegre. Esta, de sede de comarca fronteira de reduzidas dimensões, tornar-se-ia capital de um dos maiores distritos do território português.

respectivos; e os bosques, cultivas e producções do sobredito Terreno.

Na segunda Memoria, se descrevem o numero e qualidade dos diferentes caminhos que servem de comunicação entre as Povoações sobreditas, e aquellas circumvizinhas. Alli se menciona quaes são os de carretas; quaes os que servem só às cavalgaduras e gente de pé; a direcção, as subidas e as descidas: os ribeiros que se atravessão; as planicies e os bosques que se encontrão seguindo os ditos caminhos; a sua maior ou menor facilidade para o transito d'artilharia e carruagens militares, e a distancia em legoas e horas de marcha que ha entre as referidas Povoações.

A terceira Memoria, contem por ordem alphabetica, a descripção circunstanciada dos Rios, Ribeiras mais notáveis desta parte da Provincia; isto he, a noticia das suas origens, da direcção das suas correntes, da natureza do leito e quebradas que ellas formão; a altura e comandamento das suas margens; do número dos vãos por onde se atravessão pelas carretas e cavalgaduras, e a maior ou menor difficuldade destes vãos nos diferentes tempos do anno; das Pontes que sobre elles existem &. Dos Rios menos consideráveis se dá huma idea geral, e aquella que he suficiente segundo a sua importância.

Na quarta Memoria, se expoem a situação, direcção, encadimento e extensão das Serras e grandes montanhas desta parte da Fronteira; assim como os valles que ellas formão, as planicies que se achão no alto destas montanhas: os diferentes caminhos que a ellas sobem, e as atravessão, e a maior ou menor difficuldade, que alli se encontra para o tranzito das carretas, artilheria e cavalleria.

A descripção a que se refere a primeira parte das «Memorias...», ou seja, no que concerne ao civil, militar e económico, e apesar da explícita preferência pelos artigos que directamente se relacionam com a actividade militar, constitui material imprescindível, pela minúcia<sup>5</sup> com que é levada a cabo, a uma caracterização económica e social<sup>6</sup> desta região do Alto Alentejo.

Embora não o referindo neste breve sumário do seu trabalho, o autor

---

<sup>5</sup> Como exemplo, vd. na p. 57: «O linho tambem se cultivava muito neste Termo, e se pode dizer que he inteiramente cultivado e preparado pelas mulheres, que nesta Villa [Montalvão], são proporcionadamente ao seu sexo, mais activas e trabalhadoras do que os homens.»

<sup>6</sup> No fim de cada capítulo referente a estes lugares o autor apresenta um 'Mappa de Producções, Gados, e Transportes'. Esta informação é complementada pelas constantes referências às condições de cultivo de cada um destes terrenos: «As terras são sementeiras de quatro em quatro annos como no resto de quazi toda a Provincia, à excepção do terreno fechado pelas tapadas, que sendo mais bem estrumado, tem mais força para produzir», p. 57.

apresenta, além do número de fogos, o número de habitantes destes lugares.

A partir da informação contida na segunda «Memoria», tornou-se possível reconstituir a rede viária organizadora deste espaço, com excepção de alguns caminhos cujo percurso levantava algumas dúvidas e que são devidamente assinalados na respectiva cartografia.

A divisão entre ‘carriz’, ou caminhos para carretas, e ‘veredas’, ou caminhos para cavalgaduras e gente de pé, foi propositadamente assinalada na cartografia como medida de acessibilidade dos lugares.<sup>7</sup>

A divisão entre Rios (apenas o Tejo e o Sever), Ribeiras e Ribeiros («rios menos consideráveis») é utilizada na cartografia respectiva, uma vez que da sua importância dependem as condições de acessibilidade induzidas pelos caminhos. Esta contraprova à informação contida na segunda «Memoria» resulta em uma ainda maior confiança na informação que aquela já providenciava.

Na quarta «Memoria» o autor revela, mais uma vez, um impressionante domínio vertical do espaço: ao descrever circunstanciadamente as serras, centra-se naquela que, pela sua dimensão, domina todo o sistema montanhoso – a Serra de São Mamede<sup>8</sup> – e vai descrevendo, por referência à Rosa-dos-Ventos, todas as restantes. O texto da obra, na forma e no conteúdo, resulta numa espécie de monografia regional.<sup>9</sup>

## A REDE VIÁRIA

Da informação sistematizada na segunda parte das «Memorias...», complementada pela informação pontual das restantes três (nas suas constantes referências ao traçado dos caminhos), tornou-se possível cartografar a rede viária que, no início do séc. XIX, organizava o espaço desta parte da fronteira do Alto Alentejo.

O reconhecimento não ultrapassa, infelizmente, os limites dos termos destes sete concelhos, pelo que não permite concluir das ligações, fora deste espaço, aos importantes centros vizinhos de um e outro lado da fronteira. Contudo, a minúcia com que este reconhecimento foi levado a cabo, não deixando de nomear as mais escabrosas azinhagas, permite uma enriquecedora visão do modo como este espaço se estruturava em termos de acessibilidade.

A mais superficial das leituras deste mapa obriga, desde logo, a reconhecer

<sup>7</sup> A distância em ‘legoas’ e ‘horas de marcha’ permite, como o próprio autor não deixa de referir, um termo de comparação pelo qual «se poderá avaliar aproximadamente o tempo necessário para se percorrerem os mesmos espaços com diferentes velocidades», p. 92.

<sup>8</sup> «A grande Montanha de S. Mamede (...) he a mais elevada e o principal tronco ou Serra Mãi donde derivão todas as outras», p. 149.

<sup>9</sup> Ordenado do fim para o princípio, apresenta o encadeamento típico em estudos regionais – do determinante natural ao determinado social e económico.

um certo carácter diferencial na organização da rede viária.

a) a Norte, compreendendo os termos das vilas de Montalvão e Póvoa, apresenta-se uma estrutura viária fortemente assimétrica: um bom número de estradas de carretas ligam estas duas vilas ao Oeste e ao Sul, respectivamente com Nisa e Castelo de Vide, enquanto que a parte dos seus termos virada ao Norte e ao Nascente não tem mais do que veredas que, embora muitas, não permitem o passo a carretas para os lados de Espanha e do Província da Beira – o Tejo e o Sever tornam isto impraticável. Na parte dos campos das Meadas tornou-se difícil a identificação do percurso de alguns caminhos devido à falta de topónimos aqui existente.

b) a Sul, e articulando-se, junto à fronteira, com o espaço acima referido apenas por veredas (o que denota algum isolamento desta área junto à estrema), aparece-nos um segundo sub-espaço fortemente determinado pelo maciço montanhoso da Serra de S. Mamede e seus prolongamentos. A rede viária passa a apresentar uma orientação NO-SE que é, de resto, a da Serra e dos vales que a interrompem das restantes montanhas. Esta distribuição longitudinal da rede viária assente nos flancos do maciço montanhoso liga, no seu tramo norte, as vilas de Castelo de Vide e Marvão com Espanha, por um lado, e Alpalhão e Nisa, por outro, enquanto que o seu tramo sul promove a ligação da cidade de Portalegre com Alpalhão, Castelo de Vide e Alegrete. O contacto transversal entre estas duas vias laterais, ligando Portalegre a Marvão, é garantido por estradas que remontam a serra e que por isso são de trânsito mais difícil.

c) finalmente, um terceiro sub-espaço organiza-se, a sul de Portalegre,<sup>10</sup> por uma rede viária mais aberta e que liga aquela cidade às suas vilas vizinhas. É o prenúncio das superfícies molemente onduladas que caracterizam quase todo o Alentejo e que por isso suportam ligações mais uniformes e directas entre os principais centros urbanos. Este facto é bem evidente quando se constata a quase inexistência de ‘veredas’ neste espaço o que nos permite concluir que o trânsito de cavalgaduras e gente de pé se faz pelos mesmo caminhos – são estes, portanto, os mais directos.

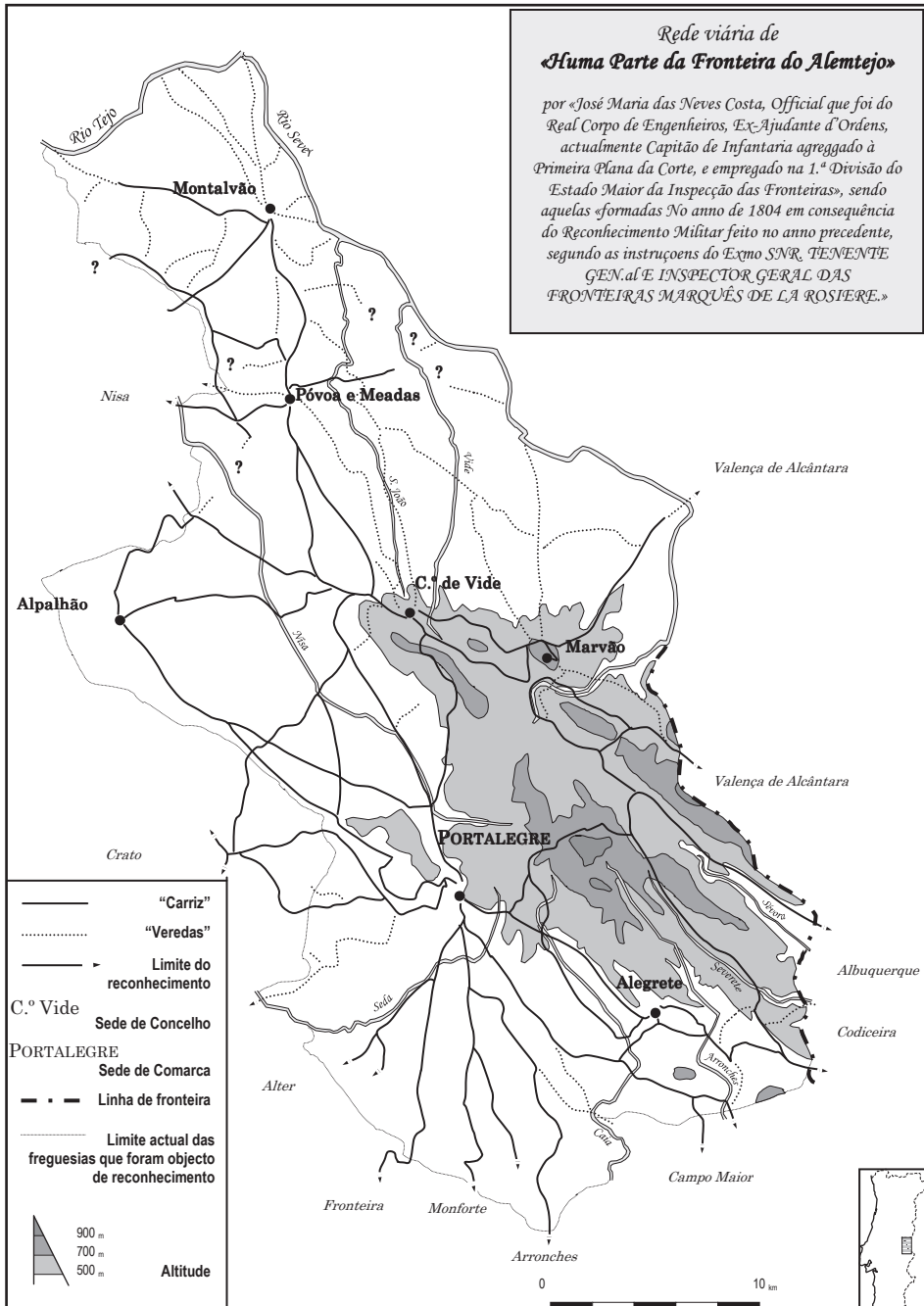
Os caminhos não são, porém, dissociáveis da população que servem e de cuja distribuição são também reflexo, pelo que se torna necessário analisar o tipo de povoamento em que se integram. Como antes referimos, o autor apresenta na primeira «Memória» o número de habitantes destes lugares.

Três dos sete concelhos apresentam um número representativo de habitantes – Portalegre, Castelo de Vide e Marvão.<sup>11</sup> De entre estes destaca-se o concelho de Marvão por nele ser expressiva a parte da população que habita fora da vila – tal situação não se repete em nenhum dos outros concelhos!

<sup>10</sup> «Portalegre está situada num terreno que he alto e domina o que lhe fica ao sul, sendo baixo e dominado pelo terreno que lhe fica ao NE e Nascente», p. 79.

<sup>11</sup> Ver, acima, nota n.º 4.

Figura 1. Reconstituição cartográfica da rede viária de uma parte da fronteira do Alto-Alentejo no início do século XIX.



A cartografia dos lugares referidos pelo autor como pertencentes às freguesias do termo de Marvão,<sup>12</sup> não deixaria dúvidas de que este povoamento disperso coincide com a área montanhosa deste espaço (é flagrante a sobreposição destes lugares com o espaço situado entre os 500 m e os 700 m, ou seja, com os vales em colo entre as montanhas)<sup>13</sup> e de que são razoavelmente interligados pelo traçado viário referido anteriormente como o principal eixo de comunicação com a fronteira e portanto com o país vizinho.

## ALGUMAS CONCLUSÕES

Uma abordagem morfológica é fatalmente incompleta e só revelaria todo o seu sentido quando mergulhada na realidade social total a que diz respeito. Contudo, algumas conclusões podem neste momento ser equacionadas, ainda que suspensas do progressivo aprofundamento crítico a que esta fonte documental possa ser sujeita.

Da organização da rede viária pode deduzir-se uma dupla capacidade de isolamento conforme o nível de desagregação que se adopte na sua análise.

Em termos locais, afigura-se um espaço fortemente dependente das condições naturais que o enquadram e que são em parte responsáveis pelo isolamento da sua parte norte no que respeita às ligações com Espanha e com a Beira. Os termos de Montalvão e Póvoa resumem as suas condições de acessibilidade a um dendrítico traçado de 'veredas' que indiciam fortes contactos com os rios<sup>14</sup> e campos de cultivo<sup>15</sup> e que lhe confere características de um espaço fechado sobre si mesmo, de um 'beco sem saída'. Sendo a sua população, entre todos estes lugares, a menos numerosa e sem uma função prioritária de defesa da fronteira<sup>16</sup> não é de estranhar que tenham

---

<sup>12</sup> Com excepção dos lugares de Gallegos de Cima, Gallegos de Baixo e Pitaranha que «Pertencem alternativamente cada anno às duas Freguezias intramuros da Villa», p. 69.

<sup>13</sup> A parte norte da freguesia de S.to António das Areias, escapando a estes valores de altitude, é significativamente despovoada. Veio a dar origem à freguesia da Beirã.

<sup>14</sup> «Ha seis moinhos de agoa no termo da Villa [de Montalvão] e «nas vizinhanças da Villa [da Póvoa] ha duas azanhas», p. 57 e 59.

<sup>15</sup> A cultura principal em Montalvão «he o trigo, tanto mais valioso nesta parte da fronteira quanto menos proprio he o terreno dos outros termos para esta semente, à excepção de huma parte dos Termos de Povoia e Niza», p. 57.

<sup>16</sup> «Ha poucos vestigios das fortificações, que cingião antigamente esta Villa [de Montalvão], das quais se dis, que forão arrazadas na campanha de 1704 [cem anos antes!]» e «Não ha vestigios de que esta povoação [da Póvoa] fosse cingida de muralhas. Somente (...) ha as ruinas de reducto quadrado [cujo] estado, pequenez e situação (...) constitue esta obra inteiramente inutil, e como justa razão elle serve de um pequeno quintal», p. 55 e 58.

sido incluídas as suas freguesias nos concelhos dos centros urbanos que mais fortemente as polarizam: Nisa e Castelo de Vide.

Os caminhos da serra em tudo indicam o contrário – é uma ligação ‘internacional’ a que se organiza entre Castelo de Vide/Marvão e Valença de Alcântara. Dominada por praças muralhadas, e ainda que polarize uma poeira de lugares ao longo do seu trajecto, é uma via sustentada por uma ‘tensão fronteira’ de um espaço em que este estado é, durante séculos, a sua normal condição. É também, e paradoxalmente, um espaço de isolamento quando depende da função defensiva dos centros urbanos que põe em contacto. De algum modo, no caso de Marvão vemos essa complementaridade, entre a necessidade de defesa da fronteira e a gestão dos recursos do seu termo, simbolicamente materializada no confronto entre o inacessível e espartilhado ‘ninho de águias’ e os inúmeros lugares que se dispersam no povoamento do seu termo. A distribuição destes lugares, como atrás referimos, é não só coincidente com a área da serra como se organiza ao longo do eixo viário principal entre os dois reinos. Da serra tiram os vastos recursos que ela providencia – a força das águas copiosas,<sup>17</sup> os bosques e pomares<sup>18</sup> e até o subsolo,<sup>19</sup> e que facilmente podem ser escoados quer para as vilas vizinhas quer para o reino de Espanha. Não deixa de ser sintomático que os lugares situados no passo da fronteira sejam, de entre todos, os únicos que pertencem às freguesias intramuros:<sup>20</sup> é privilégio desta vila a portagem entre os dois reinos.

O caso de Portalegre é bem diferente. A rede viária reflecte uma mais forte ligação aos horizontes amplos que caracterizam o terreno do seu termo que se estende para Sul e para Oeste. Num lugar privilegiado, parece mais apto a assumir uma lógica diferente daquela que a guerra ou, pelo menos, a fronteira sempre impõe. A esta lógica de fronteira de um espaço virado a Espanha, bem vincada no carácter fronteiro da sua comarca e com o expoente funcional e simbólico em Marvão, sucede uma lógica de administração do território: a área de jurisdição de Portalegre há-de estender-se, e a cidade focará a sua atenção no lado contrário – o de Portugal, como se deixasse na sombra da serra os lugares que tiveram a força que a força da história lhes deu.

---

<sup>17</sup> «No termo de Marvão ha 34 azanhas nos ribeiros das Rebelladas, Sévora e principalmente no rio Sevér; estas trabalham em todo o tempo, e fornecem de farinha não só os moradores desta villa e termo, mas também os das villas vizinhas», p. 69.

<sup>18</sup> «As fructas e cortes de madeiras, he a principal cultura, produção, e exportação do Termo de Marvão», p. 75.

<sup>19</sup> «Todo o termo desta villa [de Marvão] he abundante de pedra calcarea, e principalmente no valle de Sévora. Aqui, na serra da Portagem, e junto da Escuzza ha diferentes fornos de cal até ao numero de oito, os quais fornecem a que se gasta em quasi toda esta parte da Provincia proxima de Marvão», p. 69.

<sup>20</sup> Cf. nota n.º 12.